

# Diversão & Arte

MORREU, ONTEM, AOS 87 ANOS, O MINEIRO AFFONSO ROMANO DE SANT'ANA, QUE ESCREVEU CRÔNICAS NO **CORREIO** DE 1992 A 2008

» RICARDO DAEHN

**V**iagens, visitas a exposições e bibliotecas, e muito interesse por leituras de biografias. Na base da curiosidade, o escritor, poeta, professor e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna construiu não apenas a base intelectual, mas moldou com vivência o prazer de ser cronista, profissão que definiu como sendo "a da pessoa que interpreta o cotidiano"; mas num olhar que, eventualmente, poderia reluzir o lírico e o pitoresco. Com a mesma idade da esposa Marina Colasanti (morta há pouco mais de mês), Affonso morreu, aos 87, depois de passar quatro anos na cama, depois da piora no quadro de Alzheimer (diagnosticado em 2017). O velório do escritor será na Capela Histórica do Cemitério da Penitência (Caju), no Rio, onde Affonso morava desde fins dos anos 1960. Affonso morreu em casa, no bairro de Ipanema.

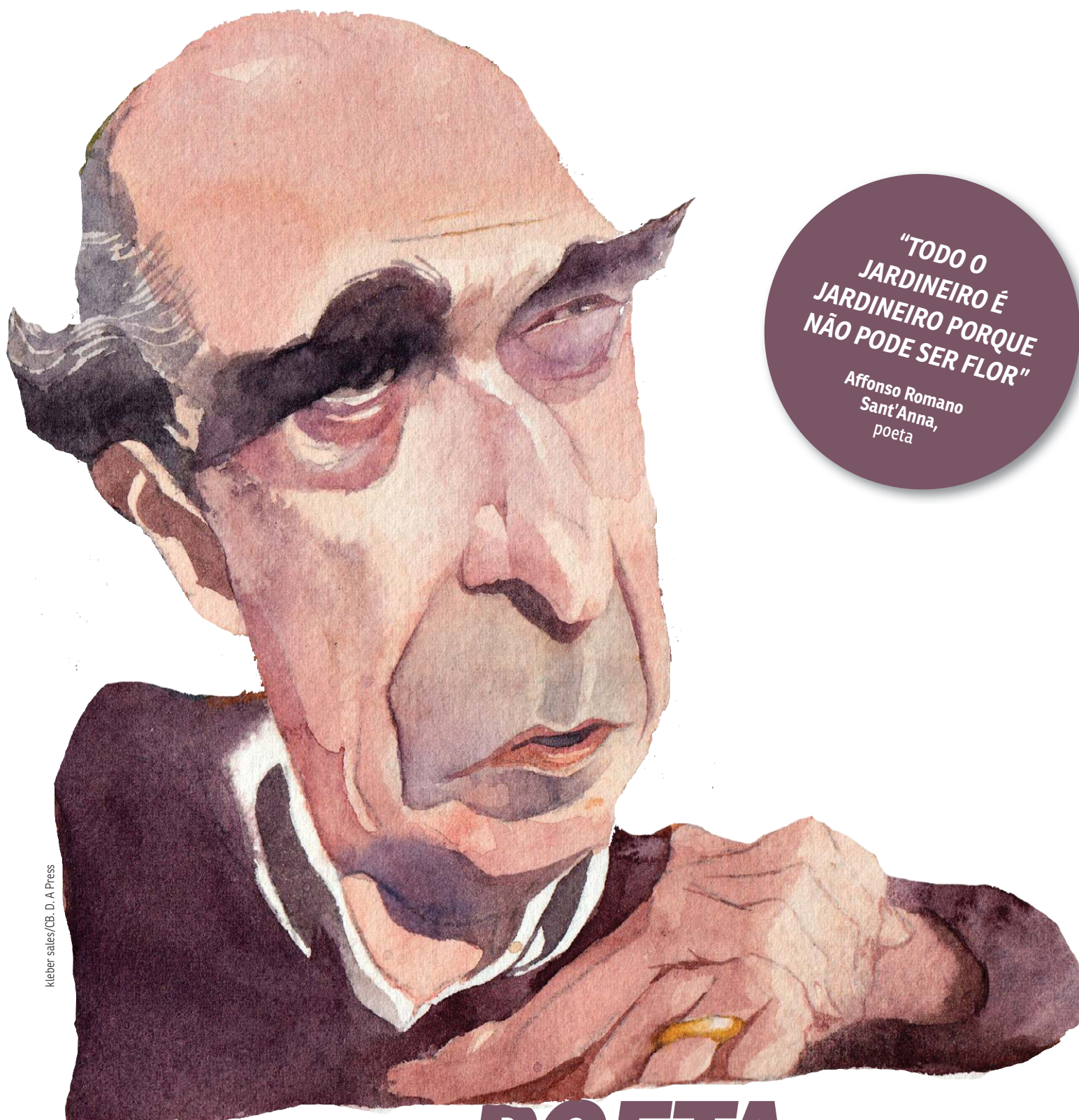
Título curioso está numa das crônicas (*Poesia ameniza a morte*) que escreveu para o **Correio**, do qual foi ferrenho colaborador entre 1992 e 2008, muitas delas reunidas, em 2011, quando lançou *Ler o mundo*, na Biblioteca Demonstrativa de Brasília (506/507). Em sintonia com a tradição nipônica, Sant'Anna discorre: "Ninguém gosta de falar de morte, mas o dia de finados vem aí, e queria lhes dizer que há na tradição japonesa uma corajosa e poética relação com a morte. Refiro-me a um ritual de preparar-se para a morte falando um poema. A poesia era a peça final do testamento. Podia isto se dar em casa ou no campo de batalha. Enfrentava-se a morte com a poesia na boca." O tema dos signos de uma extensão da vida e de ritual de cremação figuram em *Sisifo desce a montanha* (2011) feito de 98 poemas curtos.

## Biblioteca Nacional

Vencedor do prêmio Jabuti, com *Vestígios* (2006) — em que tateou mistérios da vida — e com a coletânea de poemas *Que país é este?* (1980), publicada na ditadura e que, graficamente, esteve nas paredes de centros culturais. Pai da atriz e diretora Alessandra Colasanti, Affonso injetou arte na família composta ainda pela filha Fabiana (morta em 2021) e por um neto. Presidente da Biblioteca Nacional, entre 1990 e 1996, Affonso afirmou políticas públicas de investimento em leitura, como no caso do Programa Nacional de Incentivo à Leitura.

Ex-diretor do Departamento de Letras e Artes da PUC-Rio, em meados setentistas, quase uma década depois herdaria a coluna de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, no *Jornal do Brasil*. Para além de ter impulsionado a carreira da mineira Adélia Prado (apadrinhada pelo mestre), Affonso foi amigo do célebre poeta, que o apoiou na tese *Drummond, o gauche no tempo*, desenvolvida nos anos de 1960.

*Canto e palavra* (1965) foi o primeiro livro, editado quando tinha 28 anos. Livros como *O enigma vazio — Impasses da arte e da crítica* (2008) e *A cegueira e o saber* (2006) afirmaram a capacidade acadêmica de Affonso (com estudos formalizados até na UCLA americana, na qual lecionou), que teve entre alunos o compositor Fernando Brant. Diferentemente da ocupação como pastor, ensaiada pelos estudos no Instituto Metodista Granbery (Juiz de Fora), Affonso pendeu para a carreira crítica, com temporada na revista *Veja*, entre outras. Com talento forjado



kleber sales/CB, D. A. Press

"TODO O JARDINEIRO É JARDINEIRO PORQUE NÃO PODE SER FLOR"

Affonso Romano Sant'Anna, poeta

## Adeus ao POETA e PENSADOR

no Centro Popular de Cultura da UNE, o mineiro — nascido e formado na capital, em letras, nos anos de 1950 — dividiu conhecimento em passagens por universidades nos Estados Unidos, Dinamarca, Alemanha, Portugal e França.

Foi quase na maioridade da união com Marina, que, com a esposa, embarcou na publicação conjunta de *O imaginário a dois* (1987). Em 1994, para a Rocco, Affonso levou o texto *Mistérios gozados*, composto de 72 crônicas em que abordava sentimentos e temas dos mais diversificados.

## Brasília

Um capítulo à parte foi a ligação estabelecida entre o poeta e a capital. Exemplo da cortante crítica dele permeou a entrevista ao **Correio**, em 2000, quando se expunha a resistência carioca em parar de sediar órgãos federais. Affonso disparou que, em termos de centro econômico e político: "O carioca vai dizer que é o Rio, o paulistano, São Paulo. O mineiro pode chegar ao extremo de dizer que é Ouro Preto", divertiu-se. Na ocasião, argumentou que "se os três Poderes estão em Brasília, a capital é aqui, mas vai ter muita gente, porém, que vai continuar procurando a capital do Brasil nos Estados Unidos", arrematou.

Numa relação estreita com Brasília, Affonso esteve, em 2000, para lançar, pelo projeto *Luz da Cidade*, um compêndio de crônicas digitalizadas, e

## Crônica

"E ler coisas assim ajuda a entender o que é que os Estados Unidos estão fazendo no Iraque, por que os homens bombas existem ou por que amamos tanto nossos cães e gatos e desconfiamos tanto de nossos vizinhos. Domesticar e mudar comportamentos de animais parece fácil. O difícil mesmo é domesticar os humanos."

**Trecho da crônica *Domesticar os humanos*, publicada no Correio em 2005**

## Entrevistas

"Vivo na estrada. Pertenço à geração de escritores que, a partir dos anos 1970, varou o Brasil de ponta a ponta em vários projetos, indo aos lugares mais improváveis para falar de literatura e leitura. E quando dirigi a Biblioteca Nacional (1991-1996), então, era uma loucura, porque juntaram-se os compromissos internacionais"

**Em entrevista ao Correio, em 2012**

"Decifrando o amor e o medo por meio da poesia, estou analisando o nosso comportamento masculino que pode explicar até aquela coisa pavorosa que aconteceu nos EUA, onde um novo 'Barba azul' aprisionou e violentou três mulheres durante vários anos. Minha análise trata da vida."

**Em 2013, quando da nova roupagem para *O canibalismo amoroso*, no Correio**

eternizadas até com a participação da leitura de Paulo Autran. Os laços se estreitaram, via **Correio**, que, num projeto arrojado, em 2004, Affonso se revezou em espaço de crônicas assinadas por Ana Miranda, Chico Amaral, Ferreira Gullar e Moacyr Scliar.

## Memórias de Clarice

Em algumas, reverberou a experiência no exterior, como lido em *A dura vida do príncipe*, derivada da análise de uma palestra do príncipe inglês Philip. Ouviu da realeza, em palestra da Universidade da Califórnia, que o lazer "seria condição destinada aos outros". A capacidade de empatia (casada com tiradas sublimes, tal qual: "Os ingleses têm uma maneira tão suave, tão fina de ser cruéis, que parece um privilégio sofrer nas mãos deles") brotava em textos como os de *Entre leitor e autor* (livro lançado em 2015), sobre a admiração externa e as memórias sobre Clarice Lispector, Fernando Sabino e Drummond. Admirava dos outros, "a invenção do modo de ver". Nisso, destacou num texto (de *O Globo*), o que seria uma "atmosfera de Clarice", definição veio irretocável: "(a atmosfera de Clarice é) de uma luminosa angústia e ansiedade, em que pontos luminosos furam a opacidade do instante". Vale a lembrança de que o escritor fez parte do seleto grupo de correspondência de Lispector, junto a amigos como Rubem Braga e Lúcio Cardoso. No filme *Clarice Lispector: A*

*descoberta do mundo*, Affonso e Colasanti servem de cicerones aos espectadores.

Muito além de ocasionais foram as passagens pela cidade para comparecer na peça *Banal*, integrada pela filha, em 2010, no CCB. Em 2003, na 22ª Feira do Livro de Brasília, Affonso se posicionou contra aspectos da arte contemporânea (a partir da "perda de rumo e de limites"). Com o livro *Desconstruir Duchamp*, lançado à época, previa uma revisão da arte moderna, necessária depois das revisões da psicanálise e do marxismo. Ele propunha o desafio de uma "reconstrução" para voltar ao passado. Partidário de avanços nas artes, ele novamente publicou *O canibalismo amoroso*, em 2013, revista. Curioso, Romano louvou o Espaço Cultural T-Bone, do açougueiro Luis Amorim (na 312 Norte), circulou 19ª Feira do Livro de Brasília (em 2000) e soube saudar em escritos a ação da bibliotecária Conceição Salles (em Brasília), à frente de programa de leitura na Papuda.

Sempre ativo, marcou ainda presença no centenário de Drummond (em 2001), na 10ª Bienal Internacional do Rio de Janeiro. E, quando da morte de Fernando Sabino (2004), delicado, registrou em crônica a gentileza do amigo que, sem alarde nas doações anônimas para a causa dos menores abandonados. Aspectos de uma crônica que só poderia sair da caneta de Affonso Romano Sant'Anna.